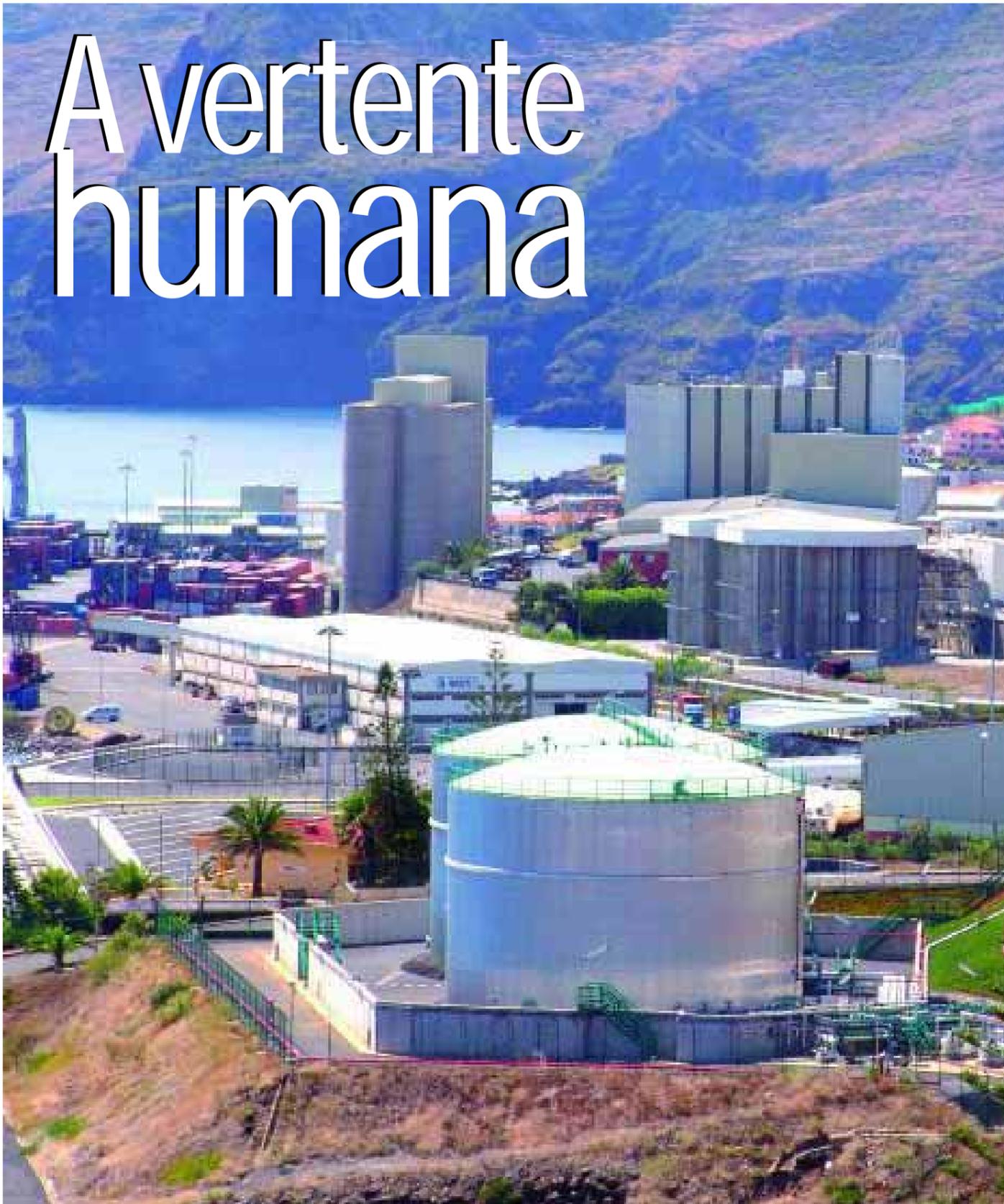


Este suplemento faz parte integrante do DIÁRIO de Notícias da Madeira e não pode ser vendido separadamente

A vertente humana



CINM proporciona emprego qualificado a madeirenses

Uma análise ao número de postos de trabalho criados nas várias áreas do Centro Internacional de Negócios da Madeira (CINM), e às suas características dominantes, demonstra que uma praça, internacionalmente competitiva e atraente, proporciona um contributo efectivo e eficaz para o mercado de trabalho local, no presente e no futuro.

PÁGINAS 4 E 5



Presidente da APCINM defende que Centro é realidade supra-partidária

A Associação de Profissionais do Centro Internacional de Negócios da Madeira (APCINM) foi criada em 1998, com o objectivo de defender os profissionais da praça madeirense. Em conversa com o seu actual presidente ficamos a conhecer melhor o trabalho e o posicionamento desta instituição.

PÁGINA 2

Qualificação profissional é marca das empresas da praça de negócios

Rui Freitas é de opinião que, em termos comparativos, o trabalho no Centro é muito mais exigente a nível técnico e a nível de competitividade, mas os conhecimentos adquiridos ajudam a construir um currículo para concorrer a muitos trabalhos de topo, inclusive, fora de Portugal.

PÁGINA 3

Estágios no âmbito da empresas do CINM

"Quem estagia numa destas empresas apercebe-se da importância de acompanhar a competitividade internacional, do esbatimento das fronteiras físicas e linguísticas e de todo o envolvimento e empenho profissionais que isso implica." Esta é uma das ideias que a professora Margarida Jesus Gomes defende num artigo de opinião, que é secundado por breves testemunhos de duas alunas que estagiaram em empresas do CINM.



PÁGINA 6

Perspectivas sobre a Zona Franca Industrial

José Vieira, quadro da Empresa Madeirense de Tabacos, defende que a Zona Franca Industrial é um dos últimos locais na Região com capacidade para garantir trabalho aos jovens licenciados em áreas técnicas e que a ZFI devia ser vista pelos empresários da Região como uma localização estratégica.

PÁGINA 7

A experiência de trabalhar numa multinacional

Gonçalo Freitas desempenha, muito provavelmente, uma das funções mais inovadoras na Madeira. Trabalha na multinacional Orange como "Reconciliation Analyst", uma actividade que visa a aplicação e a gestão de boas práticas ao nível do controlo de custos. A experiência, diz, é enriquecedora.



PÁGINA 8

Centro de Negócios aceite pela maioria dos madeirenses



A Associação de Profissionais do Centro Internacional de Negócios da Madeira (APCINM) foi criada em 1998. Desde então, tem vindo a desenvolver um conjunto de actividades com o objectivo de defender os profissionais da praça madeirense. Em conversa com o seu actual presidente, ficamos a conhecer melhor o trabalho e o posicionamento desta instituição.

- Quais as razões e os objectivos que levaram à criação desta associação?

- Esta associação foi criada com o objectivo de valorizar e defender os profissionais do CINM. A determinada altura constatou-se que o número de pessoas que estavam ligadas profissionalmente ao CINM já era considerável e fundámos esta associação com vista a valorizar as suas carreiras profissionais, a promover uma contínua formação e a desenvolver projectos que de alguma forma contribuissem para acrescentar ao Centro qualidade e credibilidade.

- Os objectivos traçados pela APCINM têm sido alcançados?

- Apesar de algumas condicionantes, a APCINM tem concretizado os seus objectivos. Contudo, temos de continuar a trabalhar para criar todas as oportunidades e possibilidades para desenvolver este projecto associativo que, desde muito cedo, tem como linha de

rumo a aposta na formação.

Hoje em dia, um profissional dignificado, competente e realizado tem de ter uma formação contínua. E essa terá de ser uma preocupação da Associação de Profissionais do CINM.

Mas não só. O nosso objectivo também passa pela defesa dos interesses dos associados. Apesar de ser um trabalho menos visível, temos vindo a dar apoio aos associados que nos apresentam alguma preocupação ou questão concreta para dirimir.

Tivemos também o cuidado de pedir audiências a todos os partidos com assento na Assembleia Legislativa Regional. Com excepção do Bloco de Esquerda, fomos recebidos por todos e devo sublinhar que notámos uma grande abertura da sua parte.

- Os encontros foram positivos?

- Acho que foram positivos para ambos os lados. No fundo, demos a conhecer as nossas preocupações e eles falaram das suas. As questões relacionadas com o CINM não podem ser tratadas de um ponto de vista estritamente político-partidário. Temos de pensar que há diversos problemas com os nossos profissionais que são tratados não apenas na Madeira mas também a nível central e até a nível comunitário. Como tal, estas questões são para ser tratadas sempre de uma forma supra-partidária. Fizemos ver esta nossa perspectiva. Ficámos com a noção que os diversos

social, pelas opiniões de diversas pessoas e de diversos sectores económicos e políticos, há um consenso sobre o facto do CINM ser uma realidade imprescindível para a economia da Região. Para mim, que já trabalho no Centro desde 94, haver esta maioria que reconhece a importância do Centro na economia da Madeira é uma grande vitória. Houve um tempo em que era muito difícil, mesmo a nível social, dizer que éramos trabalhadores do Centro... As pessoas não faziam ideia do que isso era. Havia ideias erradas, algumas até mirabolantes.

- O apoio público e social dos madeirenses de que fala pode ajudar o Centro a conseguir melhores condições de operacionalidade?

- Sem dúvida alguma. Recordo-me que, na altura das anteriores negociações com a Comissão Europeia, alguns títulos da comunicação social regional eram particularmente negativos em relação ao CINM e, como se sabe, alguns desses títulos chegaram à Comissão Europeia, tendo sido, inclusive, tema de debate no âmbito dessas negociações. Como se calcula, não foi positivo. Agora, a realidade é completamente diferente... A verdade é que podia ser muito melhor do que é se não fossem as dificuldades e os entraves ao processo de desenvolvimento do CINM.

- Foi demorada a criação de mecanismos importantes para o desenvolvimento normal da praça...?

- Tem sido um processo muito lento, moroso. Houve a necessidade de um combate e intervenção constantes, não só a nível regional como também nacional. Devo dizer que muitas vezes tive a percepção que a nível comunitário o combate parecia mais fácil...

- O País não estava preparado...?

- A Região não estava mas preparou-se... O País parece continuar a não estar.

- O futuro do CINM é uma das interrogações que se coloca com muita frequência na praça pública. Conhecido o seu peso na economia regional, será possível equacionar o desenvolvimento da Madeira sem o CINM ou outros mecanismos semelhantes?

- Eu acho muito difícil e inconcebível. Sinceramente, quem quer pensar seriamente a economia da Região e de forma estrutural é importante, repito, tratar esta questão de maneira supra-partidária.

É fundamental perceber que, para a economia da Madeira ser viável, não podemos sequer pensar na possibilidade de alimentar a ideia de um mono-produto... O turismo é um sector de actividade sujeito a flutuações e a alguma imprevisibilidade.

Temos de pensar em alternativas. O turismo não pode ser considerado como a única solução. Tem de haver uma solução complementar e, sem dúvida, que o CINM é uma delas. Mas, também acho que o CINM não deverá ser visto como uma realidade estanque mas como uma solução dinamizadora para os negócios, para as relações culturais entre as diversas realidades no plano internacional. Note-se que a realidade da Zona Franca é hoje totalmente diferente dos anos 80 ou 90. O número de profissionais é muito superior e também o intercâmbio que se desenvolve com profissionais de outras jurisdições e de outros países. Um aspecto que é altamente enriquecedor para os profissionais que estão estabelecidos na Região. Há uma massa crítica que o CINM conseguiu desenvolver na Madeira que merece a atenção das autoridades regionais.

grupos parlamentares também começaram a olhar para o CINM não como uma questão puramente económica mas como uma questão social. Solicitámos igualmente audiências com diversas autoridades regionais.

- Nas reuniões que realizaram, a aceitação do CINM como instrumento de desenvolvimento económico foi matéria de debate? Na vossa opinião, o CINM tem tido o apoio necessário...?

- Acho que o Centro, hoje em dia, é uma realidade aceite por quase todos, pela maioria dos autores sociais, económicos e políticos. A S.D.M. tem feito um grande esforço para esclarecer o papel do CINM e as actividades que muitas pessoas e empresas desenvolvem no Centro, enfim, o que é esta realidade. Penso que esta mensagem, depois de vários anos, foi finalmente recebida e compreendida. Hoje, na Madeira, a maioria sabe que o CINM é positivo para a economia e para a nossa realidade social.

- Portanto, o CINM já não parece uma realidade assim tão estranha?

- De todo... Hoje em dia, pelas estatísticas, pelos artigos que temos visto na comunicação

Centro é uma porta aberta à qualificação profissional



Rui Freitas trabalha numa empresa do Centro Internacional de Negócios da Madeira (CINM) há cerca de 9 anos. Antes de ingressar na Dixcart Management trabalhou em empresas de âmbito regional. Na sua opinião, em termos comparativos, o trabalho no Centro é muito mais exigente a nível técnico e a nível de competitividade.

- Na mudança de carreira para uma empresa do CINM deparou-se com muitas novidades?

- Com certeza que sim. Se não fosse a experiência no Centro nunca teria tido a possibilidade de lidar com determinadas operações. Devido à tipologia das empresas que operam no CINM realizamos, de facto, a mais variada diversidade de operações que, no mercado regional, e até a nível nacional, só alguns executivos de topo têm as oportunidades que nós temos diariamente.

- Como é trabalhar no âmbito do Centro e, no caso, numa empresa como a Dixcart?

- Um estímulo e um desafio que nos obriga a estar sempre actualizados, a investir constantemente em formação, em síntese, a estudar. O Centro pode ser visto como um embrião de formação.

- Isso significa que os estudantes madeirenses podem encontrar no CINM saídas profissionais?

- Sem dúvida que sim. O Centro é uma porta aberta à qualificação profissional, à experiência e ao angariar de conhecimentos. Quem tiver vontade - e,

com certeza, oportunidade - pode construir um currículo que lhe permita concorrer a muitos trabalhos de topo, inclusive, fora de Portugal.

- Em síntese, que tipo de conhecimento é importante ter para trabalhar numa empresa do CINM...

- Como sabemos, a competência técnica e experiência complementam-se. Contudo, a componente da experiência só se ganha com o tempo... Não há como escapar a isso. Consideramos como muito importante o conhecimento de línguas, nomeadamente o inglês, porque contactamos diariamente com o mundo inteiro e sem o inglês dificilmente conseguimos vencer neste meio de trabalho.

- Os profissionais do CINM têm conseguido impor-se neste mercado de trabalho de dimensão internacional? São reconhecidos?

- A experiência que eu, particularmente, tenho do CINM diz-me que sim, que nós, neste momento, já temos profissionais e temos "know-how" suficiente que nos faz respeitados no exterior e temos condições técnicas de discutir ao mais alto nível com profissionais de outras praças consideradas mais avançadas do que a nossa.

- Será que os madeirenses têm a noção destas realidades do CINM?

- Penso que, infelizmente, uma boa parte não tem. Se não fosse o Centro Internacional de Negócios, provavelmente muitos dos jovens profissionais da Região iriam estar numa situação diferente. O caso da Dixcart pode ser um exemplo. Quem trabalha na área de contabilidade tem uma idade que ronda os 30 e os 32 anos. Estamos a falar de pessoas com licenciatura e bacharelato, com um nível de salário bom, com competências técnicas. Sem a existência do Centro, podemos questionar qual seria o seu futuro, considerando que a Madeira é uma região periférica com uma oferta de trabalho inferior aos grandes centros.

Zona Franca Industrial não é mundo à parte

Hélder Guiomar é um dos profissionais mais recentes da Zona Franca Industrial. Desempenha um papel de responsabilidade na OPTIPAN, o de director geral. O que pensava da Zona Franca e o que viu quando chegou ao Caniçal são coisas diferentes.

- Qual a ideia que tinha da Zona Franca antes e agora?

- A ideia que tinha da Zona Franca Industrial é que existiu um conjunto de empresas que se instalaram, receberam subsídios e depois saíram sem deixar obra feita na Madeira. Outra ideia que tinha é de que havia uma série de pavilhões vazios e pouca dinamização. Ora, quando se chega aqui, vemos que as coisas não são bem assim. As empresas existem de facto e algumas já se fazem sentir no mercado. Falo por experiência própria e pela OPTIPAN. Por isso, estas iniciativas de informação ajudam a mostrar o que se passa no parque e são importantes porque as pessoas ainda têm a sensação de que a ZFI é um mundo à parte. O que não é verdade.

- Isso significa que há uma ligação efectiva da ZFI e das empresas com o mercado regional?

- Exactamente. No caso da Zona Franca, devido à atenção política de que é alvo, é importante que se assinala a presença dessas

empresas e que de facto têm uma actividade significativa. Não é pelo facto das empresas estarem aqui que passam a ser melhores ou piores. As empresas valem por aquilo que estão realmente a fazer em termos da sua actividade.

Por vezes, nota-se que há uma maior exigência em relação às empresas que estão aqui dentro do que aquilo que realmente se exigiria noutro sítio qualquer. É importante dizer que temos as mesmas condições ou dificuldades em termos de mercado...

- É uma questão de participar na economia normalmente...

- As empresas da Zona Franca Industrial, ou do Centro no seu todo, participam na economia como outra empresa qualquer. A verdade, é que, para além de termos de respeitar todos os pressupostos que são necessários para desenvolver uma actividade, pelo facto de estarmos inseridos na ZFI temos, inclusivamente, de respeitar aquelas que são as regras para permanecermos dentro da Zona Franca.

- Mudando de perspectiva, em termos pessoais, como está a ser a sua experiência profissional numa empresa da Zona Franca Industrial?

- Dada a minha área de trabalho, nunca pensei



trabalhar na Zona Franca. Aliás, como a maioria das pessoas quando passa no exterior da ZFI, não tinha a percepção do que se passa aqui dentro. Nunca pensei vir a trabalhar aqui e ficar surpreso como fiquei. Existe organização, existe um conjunto de regras definidas, há condições em termos de instalação, a maior parte das instalações são quase todas elas bem dimensionadas às actividades que são exercidas e, portanto, foi uma surpresa agradável. Está a ser uma experiência muito gratificante.

- Conhecendo as potencialidades da Zona Franca Industrial que sugestão daria aos empresários?

- Acho que ainda há empresas de muitas áreas que poderiam investir na Zona Franca Industrial. E há espaço. Acho que se deveriam criar condições ainda mais atractivas em termos de investimento para aumentar o número de empresas interessadas em vir para a Madeira e para o Caniçal. Para além disto, é importante tirar o máximo partido da proximidade do porto.

CINM cria oportunidades de emprego qualificado



A Madeira, nesta fase do seu desenvolvimento económico e social, encontra na criação de condições adequadas à sua eficaz participação no mercado internacional, caracterizado pela globalização económica e feroz competitividade, um dos seus principais desafios. Nas últimas décadas, a Região tem avançado no sentido da modernização da sua economia, procurando posicionar-se nos mercados mundiais mais competitivos pela valorização do seu sector do turismo e pela utilização do Centro Internacional de Negócios da Madeira (CINM). As estatísticas revelam que estes sectores, em particular, têm gerado importantes contributos para a economia regional, directos e indirectos, não só no plano estritamente económico e financeiro, como também no âmbito da criação de emprego e da atracção de "know-how" em várias áreas de activi-

dade.

Os exemplos conhecidos de outras pequenas economias bem sucedidas demonstram que a Madeira poderá tornar-se ainda mais dinâmica e competitiva através da implementação de padrões internacionais que, alicerçados na atracção de investimento directo estrangeiro, proporcionarão as receitas necessárias à continuidade do desenvolvimento de toda a Região.

Estes são, em primeira análise, os objectivos que o CINM tem procurado cumprir desde a sua criação. Os resultados são conhecidos e visíveis. Um dos principais indicadores positivos da participação do CINM na modernização e internacionalização da economia da Madeira encontra-se representado na sua comprovada capacidade para criar condições de competitividade global no tecido empresarial e profissional, numa lógica de interacção com

a economia local que, certamente, contribui para assegurar, agora e no futuro, os postos de trabalhos de muitos jovens madeirenses.

A este propósito, é importante notar que, em termos técnicos, o regime de benefícios do CINM foi sempre classificado pela União Europeia como um regime de auxílios de Estado ao funcionamento das empresas. Neste sentido, a criação de emprego no âmbito da praça deverá ser interpretada como uma consequência positiva do regime que, no caso concreto da Madeira, tem gerado efeitos muito satisfatórios para a Região, como o testemunham os mais de 3.000 profissionais a exercer as suas actividades no âmbito do CINM.

De facto, uma análise ao número de postos de trabalho criados nas várias áreas do CINM, e às suas características dominantes, demonstra que uma praça, internacionalmente competitiva e atraente, proporciona um contribu-



to efectivo e eficaz para o mercado de trabalho local, no presente e no futuro.

No sentido de perceber até que ponto o Centro Internacional de Negócios tem participado na criação de emprego, é importante reter algumas notas sobre a sua realidade.



- Em primeiro lugar, convém salientar que o CINM tem sido particularmente eficaz na criação de oportunidades de emprego para jovens com formação superior nas áreas da fiscalidade, direito, gestão, economia, contabilidade e relações internacionais, bem como na recuperação de quadros técnicos madeirenses muito qualificados que, no passado, foram obrigados a exercer actividades profissionais no exterior por força de circunstâncias económicas e sociais.

Um levantamento efectuado pela Sociedade de Desenvolvimento da Madeira (S.D.M.) revela que mais de 53% dos profissionais têm bacharelato, licenciatura e pós-graduação. Um indicador que ajuda a entender os altos níveis de produtividade existentes nas empresas do CINM.

- A segunda nota refere-se ao "know-how" que as empresas internacionais sediadas no CINM transferem para o tecido económico regional. De facto, ao aplicar às suas actividades na região os métodos, os procedimentos e o rigor característico das suas actividades internacionais, estas estão a valorizar os profissionais regionais que, deste modo, ganharão qualificações e preparação para exercer as suas profissões à escala global.

- A terceira nota refere-se, precisamente, à produtividade média dos trabalhadores do CINM. Este mesmo levantamento aponta níveis de produtividade equiparados à produtividade média de sectores correspondentes nas economias mais desenvolvidas da Europa, como por exemplo a do Luxemburgo.

Tal não acontece por acaso. Estes indicadores de produtividade resultam dos métodos de gestão utilizados nas empresas, do aumento da eficiência e sofisticação da tecnologia empregada, bem como da motivação dos trabalhadores devido a um trabalho aliciante no plano internacional e das oportunidades de carreira que lhes são oferecidas.

- Um última nota para salientar que, também ao nível da criação de emprego, é possível constatar a importância social que esta praça internacional representa para inúmeras famí-

lias madeirenses. O levantamento sobre a origem dos profissionais do CINM revela que 65% dos trabalhadores nasceram na Madeira, 9,5% são da África do Sul, 3,8% franceses, 2,5% dos PALOPS e 2,2% da Venezuela. Como foi possível verificar, uma percentagem significativa destes trabalhadores são emigrantes ou filhos de emigrantes madeirenses, que encontraram no CINM uma janela de oportunidade para regressarem à sua terra Natal.

Foi estimado ainda que aproximadamente 13% dos trabalhadores são de origens diferentes como o Continente, a Itália, a Espanha e a Suíça. A sua presença na Madeira é largamente explicada pela necessidade de haver apoio na fase inicial dos projectos, emprestando assim aos profissionais da Região o "know-how" necessário ao desempenho das suas funções.

A concluir, importa indicar que, em termos salariais, estima-se que o total das remunerações pagas a trabalhadores directos do CINM corresponde a, aproximadamente, 7% do total da massa salarial paga na Região. Trata-se de um dado interessante que atesta a real contribuição do Centro Internacional de Negócios da Madeira para a economia local, designadamente para a melhoria de vida dos trabalhadores da Madeira.



Experiências de estágio ampliam competências de alunos



Educação engloba ensinar e aprender. E também algo mais profundo: construção do conhecimento, aquisição de senso crítico e de responsabilidade.

Estas competências não são passíveis de ser adquiridas se o ensino se limitar a uma transmissão de conhecimentos, mais ou menos teóricos, baseados num saber livresco, encerrado numa sala de aula.

Todos reconhecemos que a teoria, sem a prática, é incompleta, mas diversas condicionantes atrasam a implementação de um ensino diferente, mais próximo da realidade e facilitador de uma aquisição de conhecimentos mais sólida, porque participada e construída pelo próprio aluno.

Este "gap" entre um ensino ainda algo teórico e a realidade quotidiana prejudica o acesso imediato ao mercado de trabalho. Enquanto se aguarda por uma eficiente mudança de mentalidades e de procedimentos, os estágios visam superar este problema e possibilitar alguma vivência no mundo profissional. O estágio implica não só a integração dos conhecimentos adquiridos e a experiência da sua aplicação prática, mas também a percepção de toda a envolvente deontológica e de gestão em geral que caracterizam essa profissão, para que futuramente possa ser desempenhada de forma competente e responsável.

Os jovens estagiários de hoje vão integrar a população activa das próximas décadas e deles se espera que possam contribuir para a elevação dos níveis de produtividade do

país. Dai a necessidade premente de se incutir nestes novos profissionais maior rigor, responsabilização, empenho e criatividade.

Todas as experiências de estágio são válidas pois ampliam o universo de competências dos alunos, mas aqueles que têm o privilégio de colaborar em "management companies", no âmbito do Centro Internacional de Negócios da Madeira, podem vivenciar e absorver algumas das competências referidas. Nessas empresas trabalha-se ao ritmo e com os níveis de exigência do mercado internacional, pois elas constituem-se como elo de ligação entre os investidores estrangeiros e as instituições nacionais e potenciam uma excelente oportunidade para a formação dos nossos jovens numa dinâmica de trabalho global.

Quem estagia numa destas empresas apercebe-se da importância de acompanhar a competitividade internacional, do esbatimento das fronteiras físicas e linguísticas e de todo o envolvimento e empenho profissionais que isso implica. Na generalidade, sai dessa experiência de estágio com uma postura profissional mais eficiente e com uma melhor visão da economia mundial. O sucesso destas experiências também pode ser medido pela frequência de convites endereçados aos alunos para integrar os quadros das empresas onde estagiaram.

Margarida Jesus Gomes - Esc. Básica e Sec. Dr. Ângelo Augusto da Silva

A opinião de quem estagia



Após um percurso de estudos, surgiu a oportunidade de ir estagiar para a New Madeira Investment Serviços S.A., uma empresa dinâmica que me deu a oportunidade de conhecer novas e diversas ferramentas de trabalho e pôr em prática os meus conhecimentos que foram obtidos durante esse percurso, e ainda poder obter outros.

Terminado o estágio e de ter havido satisfação de trabalho e concordância de ambas as partes, continuo nesta empresa a trabalhar com uma grande equipa.

É a partir do CINM - Centro Internacional de Negócios da Madeira que as Management desenvolvem as suas actividades. Esta empresa através do CINM presta serviços administrativos e contabilísticos para grandes, médias e pequenas empresas, quer sejam, nacionais ou internacionais, tornando possível assim uma ligação entre os investidores portugueses e estrangeiros, o que se torna vantajoso para uma ilha como a nossa. É ainda de referir e de agradecer ao CINM, pelas oportunidades de trabalho que dão aos jovens, tal como eu.

Fabiana Sofia Camacho



A minha ainda curta experiência de trabalho numa "management" não me possibilita ter uma ideia completamente formulada acerca de todo o trabalho desempenhado pela mesma. Princípiei o meu estágio há relativamente pouco tempo e não tenho muita experiência neste mercado, mas tenho a percepção de que é um ramo de grande responsabilidade. Trabalha-se com diferentes empresários, de inúmeros países, com os quais é necessário manter proximidade pois estes clientes depositam a sua confiança e as suas verbas na management e nos serviços por ela prestados. É necessário ter particular atenção e manter as empresas a par do seu estado financeiro e de todas as questões administrativas e fiscais que se relacionam com as empresas dos clientes.

Para mim, e numa primeira análise, torna-se um pouco complexo iniciar a minha actividade profissional numa "management" pois, neste momento, acho que a maior dificuldade é a necessidade de ter uma boa capacidade de comunicação com os clientes e um vasto conhecimento de línguas, o qual ainda estou começando a desenvolver.

Posso concluir que este estágio numa "management" será vantajoso para o meu currículo e consequentemente para a minha experiência profissional pois estou desenvolvendo conceitos e conhecimentos básicos ministrados no decorrer do curso.

Marina Alexandra Gomes Pereira

ZFI é o “cantinho” para os profissionais técnicos

José Vieira é quadro da Empresa Madeirense de Tabacos, uma das mais antigas unidades fabris a operar na Zona Franca Industrial. A trabalhar na empresa desde 2001, José Vieira, conforme afirma, tem acompanhado com atenção o desenvolvimento do parque industrial nos últimos anos.

- A Zona Franca Industrial é um local atractivo para trabalhar?

- Honestamente, um dos motivos porque consi-

derei a possibilidade de trabalhar na Madeira foi porque existia uma zona franca. Depois de concluir a minha formação em engenharia, sabendo da existência de uma Zona Franca Industrial evidentemente que encarei a possibilidade de encontrar emprego ligado à minha área técnica, como acontece com certeza com muitos outros profissionais de cá. Estou convencido que se não houvesse uma Zona Franca Industrial muita gente com formação técnica não podia encarar a possibilidade de trabalhar na Madeira.

Afinal, com excepção da ZFI o que é que nos fica? A hotelaria, os serviços e a função pública. Logo, o único “cantinho” que ainda existe para as pessoas com altas competências técnicas tem sido a ZFI.

- Então como entende as críticas que fazem à Zona Franca?

- Estou convencido que o problema começa pela falta de informação.

Quando vejo falar da Zona Franca na Assembleia da República fico com a noção de que 90% daquela gente não sabe o que é uma zona franca. Há pessoas que pensam e falam de empresas fantasma mas, ao mesmo tempo, não querem nem procurar conhecer o que está da porta para dentro.

Conheço muita gente no Funchal que não conhece a Zona Franca. Há pessoas que não fazem ideia que existe aqui uma CLCM e uma central térmica. Preferem falar do banco A ou do banco B e do offshore... Penso que muitas vezes quem faz a crítica são pessoas que provavelmente ignoram a realidade da actividade produtiva.

As empresas da Zona Franca Industrial também enfrentam a concorrência do mercado, também têm custos associados para trazer as matérias-primas para cá e para apostar na exportação, também sofrem dos efeitos do custo do petróleo na economia global e do transporte. Para mim, estar na Zona Franca é sinónimo de ambição, de procura de sucesso e de competitividade.

- A competitividade de que fala sente-se mais nas empresas da Zona Franca?

- Sinto que a pressão de produtividade e competitividade está sem dúvida mais presente nas empresas da Zona Franca. Primeiro, porque qualquer empresa que se instala cá realiza um estudo de viabilidade económica. Pode haver empresas fora da ZFI que tenham realizado estudos de viabilidade económica, mas, ao contrário daquilo que acontece neste parque, não é uma prática comum. É um questão de rigor...

Há uma série de variáveis que as empresas contabilizam, o consumo de energia eléctrica, o consumo de água, o custo de deslocação dos trabalhadores, o subsídio de alimentação, porque sabem que têm de dar resultados positivos. Este esforço individual de cada empresa contribui para uma imagem externa do parque muito positiva...

- A Zona Franca Industrial pode proteger de alguma forma a indústria tradicional madeirense?

- Eu penso que a indústria tradicional madeirense ainda não acordou para os benefícios da Zona Franca Industrial. Vemos muitas vezes na comunicação social que empresários e potenciais investidores não sabem se os madeirenses ou as pessoas naturais que vivem na Madeira podem ter negócios na Zona Franca. É impressionante ver este desconhecimento muito grande em relação à ZFI. Até parece que da porta para dentro só estão aqui belgas, alemães, ingleses... Até parece que a Zona Franca também não foi criada para os madeirenses.

Aliás, sem dar nomes, é estranho ver que muitas empresas, mesmo depois da ZFI existir, não quiseram optar pelas condições que este oferece. Optaram por outros parques industriais.

Como diz o povo: “cada um sabe de si”, mas tendo benefícios fiscais comprovados e garantidos ao longo do tempo, tendo agora uma ligação terrestre extremamente fácil e competitiva - não esqueçamos que quando a ZFI foi criada demorava mais de uma hora para ir ao Funchal - e o porto comercial a dois passos, custa-me a acreditar como é que uma empresa nova não encara a ZFI como a localização estratégica para os seus negócios.



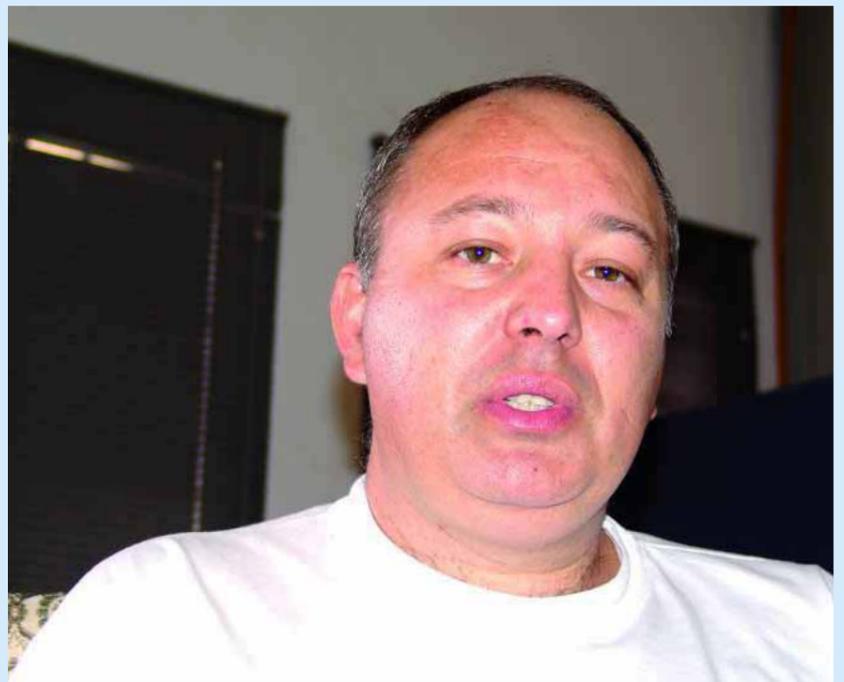
Mais empresas e mais trabalhadores na ZFI

Mário Freitas trabalha há 28 anos na Empresa Madeirense de Tabacos. Uma vida... Começou no Funchal e acompanhou a deslocação da fábrica para o Caniçal, para a Zona Franca Industrial. Há 16 anos que trabalha no Caniçal. Em conversa com o Perspectivas CINM, este operador de máquinas da EMT disse que a mudança foi positiva já que o espaço de trabalho é melhor e o parque de máquinas foi renovado. Como profissional de uma empresa que está na ZFI, acredita que esta contribui para o desenvolvimento regional e, sabendo as condições que existem para as fábricas trabalharem no Caniçal, com incentivos de vária ordem, diz-se “admirado por ainda não ter mais empresas aqui. Já tem muitas, mas se calhar podia ter mais, até porque tem o porto mesmo à mão.”

Mário Freitas olha para as críticas que fazem ao parque industrial no Caniçal como “falta de informação ou como tentativas para denegrir a imagem da Zona Franca”. “Não tenho respostas para isso mas acho que realmente pelo número de empresas que já estão aqui montadas acredito que isto tem condições para ir para a frente.

Há que apostar mais em mais empresas de fora, defendeu o técnico da EMT. Na sua opinião, “para além de poder criar mais postos de trabalho, mantêm os que cá estão e que não são poucos”.

A concluir, Mário Freitas recordou que, com a Zona Franca, o Caniçal registou um melhor nível de desenvolvimento. “Tem trazido mais benefícios para o Caniçal, por exemplo, a nível de comércio e actividades relacionadas”, disse.



A experiência de trabalhar numa multinacional

Gonçalo Freitas desempenha, muito provavelmente, uma das funções mais inovadoras na Madeira. Trabalha na multinacional Orange como "Reconciliation Analyst", uma actividade que visa a aplicação e a gestão de boas práticas ao nível do controlo de custos.

- Para começar a nossa entrevista tenho de perguntar: como é trabalhar numa empresa como a Orange?

- Trabalhar numa multinacional com este tipo de estrutura tem sido uma experiência bastante enriquecedora. Uma realidade completamente diferente da experiência que tive até agora e que foi sobretudo em empresas de âmbito regional. É impressionante, quer em termos de dimensão, em termos de volume de negócios, da estrutura de pessoa e de processos. É bastante diferente daquilo a que estava habituado, sobretudo no plano da valorização que fazem das pessoas, na criação de capital humano e na criação de conhecimentos.

- O grau de exigência também é mais elevado...

- Sim. Contrapõem com exigência e com resultados mas dão-nos as condições para atingir esses resultados. Não poupam esforços nesse sentido.

- A actividade que desenvolve é pouco comum na Madeira. Em que consiste?

- Fui recrutado para ser um "Reconciliation Analyst" que em Portugal é comparável ao "controlo de custos". Trata-se, no entanto, de um custo específico. A minha empresa é uma Internet Service Provider (ISP), fornece internet e serviços relacionados aos seus clientes, mas que utiliza a infra-estrutura tecnológica da British Telecom para alguns desses serviços. Estes são custos que representam uma elevada percentagem dos custos operacionais da empresa. Estamos a falar de um

valor na ordem das dezenas de milhões euros mensais.

Eu fui recrutado para ajudar a implementar e gerir um sistema de verificação de facturas através de um software desenvolvido por uma empresa pertencente a um grupo americano, que foi criado especificamente para esta empresa para fazer uma justificação linha a linha de todos os custos inerentes ao nosso serviço. A minha função obriga-me a conhecer e a manter-me informado sobre todos os serviços prestados aos nossos clientes e a sua interligação com os custos que suportamos para esse efeito, para depois proceder à detecção de discrepâncias e respectiva justificação. Podem ser erros de facturação da BT ou estar relacionadas com os nossos sistemas e base de dados. A função é duplamente importante porque há um controlo de custos mas também ajuda a encontrar erros de sistema em sintonia com as equipas de operações de provisionamento e com todo o sistema de base de dados central da empresa. Como sabe, numa empresa de telecomunicações a estrutura de dados e a sua fiabilidade é muito importante. E eu contribuo para eliminar ao máximo os possíveis erros que possam haver. A função não é a de poupar dinheiro mas mais uma questão de boas práticas.

- Se não existisse o CINM este tipo de actividades existiria na Madeira?

- Eu penso que não. São poucas as empresas de base regional que desenvolvem este tipo de actividade. Parece já foi desenvolvido um software de natureza semelhante para uma empresa nacional que tem um serviço semelhante ao nosso. Porém, a nossa base de clientes ronda o milhão. É uma realidade completamente diferente que obriga a ferramentas e a trabalhos diversos do que acontece aqui no Funchal ou mesmo a nível nacional.



Esta é uma empresa sediada no CINM mas que pertence a um grupo enorme, com muito capital humano e que trabalha interligada com outras pessoas em França, em vários pontos do Reino

Unido. A troca de informações e experiências ajuda-me a adquirir conhecimentos que nunca viria a ter se estivesse a trabalhar para empresas regionais.

Prémios valorizam trabalhadores e empresas dinâmicas



AZona Franca Industrial tem actualmente 46 empresas em operação que, no total, empregam mais de 700 trabalhadores. Dados que confirmam a ZFI como um pólo industrial bastante dinâmico. Como responsável pela sua gestão, a S.D.M. tem procurado manter a sua qualidade, tanto a nível das infra-estruturas como no plano social, com o intuito de garantir a sua competitividade. Nesse sentido, entre outras iniciativas, criou os Prémios Zona Franca Industrial, para as áreas da assiduidade e escolar, visando a valorização dos actuais recursos humanos e incutir nos jovens estudantes o gosto pela aprendizagem.

Numa breve troca de ideias com dois profissionais de empresas da ZFI ficámos a conhecer a sua opinião sobre esta iniciativa e sobre o parque industrial em geral.

Mário Abreu (foto inferior), experiente mecânico da Miranda e Felgueiras e pai de uma das alunas que venceu o Prémio Escolar ZFI, considera a iniciativa "excelente", porque é um incentivo aos jovens e, acrescentou,

"um dinheiro extra para a educação dos filhos é sempre bom ganhar". Já o "Prémio Assiduidade" é, na sua perspectiva, "extremamente importante porque tem efeitos positivos nas empresas, ajuda as pessoas a cumprirem e a serem pontuais".

Também João Carlos Ferreira (foto superior), chefe de produção da OPTIPAN, vê nos prémios ZFI um bom incentivo porque, diz, "melhora muito mais a aptidão das pessoas a respeito da assiduidade, ajuda a olhar mais pelas empresas e a serem mais dedicadas". Tendo sido um dos premiados deste ano, este responsável recorda que a OPTIPAN já teve funcionários premiados em dois anos consecutivos. O que não acontece por acaso, já que a sua empresa é um projecto industrial recente com muito trabalho para fazer.

No ponto de vista dos nossos interlocutores iniciativas como os prémios estão associadas à qualidade global do parque.

"Já ando nisto há 34 anos e não estou a ver onde se possa fazer uma infra-estrutura para ter uma capacidade de resposta como esta... Uma das

melhores oficinas de reparação automóvel que a Madeira tem". A conclusão é de Mário Abreu que frisou "a qualidade e organização é visível em toda a extensão do parque e, por isso, ao contrário de muita opinião, a Zona Franca contribui para a melhoria da economia regional... E bastante", acrescentou.

Perspectiva que é partilhada por João Carlos Ferreira da OPTIPAN quando dá como exemplo o projecto da empresa para onde trabalha. "Nós aqui temos lutado bastante e temos alcançado resultados positivos", sublinhando que "os benefícios fiscais existentes são um incentivo muito bom para começar um projecto no Caniçal". João Ferreira salienta, ainda, o elevado nível de segurança do parque, aspecto que destaca porque em anteriores experiências profissionais viu as suas empresas serem alvo de furtos. Para além disto, afirma que "a qualidade faz parte do dia a dia das preocupações das empresas que trabalham na Zona Franca, como é o caso da OPTIPAN." Aspecto muito positivo já que hoje o mercado é extremamente exigente.